

Estudos da Língua(gem)

Mattoso Câmara e os Estudos Lingüísticos no Brasil

Mattoso Câmara e a Língua Oral

Mattoso Câmara et le Langue Orale

Carlos Eduardo Falcão UCHÔA*

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO (UFRJ)

RESUMO

Este artigo procura contrastar a obra de Mattoso Câmara, ao longo das décadas de 40, 50 e 60, com as tendências mais expressivas dos estudos sobre a linguagem, no Brasil, neste período. O texto documenta que o lingüista brasileiro inaugura, em nosso meio, novos rumos em relação à investigação lingüística sem romper, no entanto, com as principais linhas de pesquisa da tradição filológica. Destaca, assim, o interesse de Mattoso pela língua oral em oposição aos estudos filológicos, predominantemente identificados com a língua literária. Foram selecionados e comentados alguns de seus trabalhos direcionados para tal interesse. Por fim, o presente artigo dá a conhecer a posição crítica de Mattoso Câmara sobre as relações entre língua falada e língua escrita no ensino do Português.

PALAVRAS-CHAVE

Mattoso Câmara. Tradição filológica. Lingüística Brasileira. Língua oral.

* Sobre o autor ver página 78.

RESUMÉ:

Cet article essaie de mettre en contraste le travail de Mattoso Câmara, tout au long des décades de 40, 50 et 60, avec les tendances les plus expressives des études sur la langue, au Brésil, dans cette période-là. Le texte démontre que le linguiste brésilien ouvre, chez nous, de nouveaux chemins pour l'enquête linguistique sans rompre, néanmoins, avec les principales lignes de recherche de la tradition philologique. Il manifeste, ainsi, l'intérêt de Mattoso pour la langue parlée en opposition à celui des études philologiques, essentiellement identifiées avec la langue littéraire. Quelques-uns de ses travaux portant sur ce sujet y ont été sélectionnés et commentés. Finalement, le présent article fait connaître la position critique de Mattoso Câmara sur les relations entre la langue orale et la langue écrite dans l'enseignement du Portugais.

MOTS-CLÉS

Mattoso Câmara. Brazilian Linguistique brésilien. Tradition philologique. Langue orale.

Mattoso Câmara e a Tradição Filológica

A obra de Mattoso Câmara, ao longo das décadas de 40, 50 e 60, que cobrem o período mais significativo de sua produção intelectual, contrasta nitidamente com as tendências mais expressivas dos estudos sobre a linguagem, em nosso país, nesse período.

A preocupação então hegemônica, ao menos até meados dos anos 60, dos que eram considerados filólogos e se consideraram filólogos, era com a língua portuguesa. Paralelamente aos inúmeros trabalhos sobre a história da língua, cujo ensino a Universidade privilegiava, centralizava-se a atenção dos estudiosos na modalidade escrita do português, com interesses vários, com relevo para a documentação e análise dos recursos lingüísticos da língua literária clássica “lato sensu” (século XVI aos fins do século XIX), para a edição crítica de textos, sobretudo medievais e quinhentistas, e para a técnica do verso, merecedora de investigações de prestigiosos *scholars* brasileiros.

Mattoso Câmara não se afastou, no entanto, das principais linhas de pesquisa sobre a língua portuguesa adotadas pelos filólogos contemporâneos dele.

Na leitura de sua copiosa bibliografia, pode-se constatar a presença de vários estudos sobre a história da língua, até escrever a sua obra maior

no campo do vernáculo, **História e Estrutura da Língua Portuguesa**, elaborada, na verdade, entre 1963 e 1965, mas que só vem a ser publicada em português, postumamente, em 1975, em que se detém, o título já denuncia, nas perspectivas diacrônica e sincrônica no estudo do português. A tradição literária sempre foi objeto também de investigação do lingüista brasileiro; os seus sugestivos ensaios sobre a língua e o estilo de Machado de Assis e sobre um caso de colocação no soneto **A Cavalgada**, de Raimundo Correia, são exemplos bem expressivos. A publicação da edição crítica de textos literários, entre nós, era acompanhada atentamente por Mattoso Câmara, como se pode atestar através dos comentários críticos que apôs a dois elucidativos relatórios sobre os estudos da linguagem no Brasil, **A Lingüística Brasileira** (1968, 1976) e **Os Estudos de Português no Brasil** (1969). Por fim, o estudo da versificação na poesia brasileira não deixou de ter a contribuição do mestre brasileiro com duas importantes pesquisas: **O Verso Romântico** (1955) e **A Rima na Poesia Brasileira** (1953), como *amostra das pesquisas que se pode fazer nas diretrizes dos princípios fonêmicos*.

Mattoso Câmara não rompe, assim, com a tradição filológica que, já antes da década de 40, reunia um grupo de estudiosos (Said Ali, Antenor Nascentes, Sousa da Silveira...) que, embora sem formação universitária – os primeiros Cursos de Letras nasceram nos anos 30 –, souberam encontrar, por si próprios, o caminho da Ciência, vindo a produzir obras de inestimável valor, reconhecido pelo lingüista, em passagens várias de seus numerosos escritos. Mattoso Câmara convive, pois, com esta tradição, mas, ao mesmo tempo, vai inaugurar, em nosso meio, novos rumos em relação ao estudo da linguagem. É marca de seu inegável pioneirismo, no correr dos anos 40, 50 e 60, a sua preocupação, num primeiro momento, de estudar a linguagem no seu plano universal, como atividade inerente ao ser humano, preocupação que revela, portanto, seu objetivo de fazer Lingüística Teórica, cujos princípios fossem aplicáveis a qualquer língua. Tais preocupações teóricas não estiveram ausentes, evidentemente, de muitos dos nossos filólogos. Foi, no entanto, Mattoso Câmara, a começar com seus conhecidos **Princípios de Lingüística Geral** (1941), o primeiro a divulgar, no Brasil, um discurso mais abrangente e conseqüente, voltado para a apreensão dos princípios fundamentais que regem o

funcionamento da atividade lingüística. Pode-se dizer que a Lingüística Teórica passa a ser reconhecida como disciplina acadêmica, entre nós, a partir dos **Princípios** de Mattoso Câmara e a partir de quando ele assume, em 1948, a docência dela, na Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil, docência que iria exercer até pouco antes de falecer, em 1970. Na verdade, foi o primeiro professor a lecionar Lingüística regularmente num Curso de Letras do país, de início apenas para os alunos de Letras Clássicas, a que se agregaram, pouco depois, os de Anglo-Germânicas e, por último, os de Neolatinas.

Tendo adotado um referencial teórico novo entre nós, o estruturalismo, que contrastava acentuadamente com o discurso metalingüístico então dominante no país, identificado como discurso filológico, Mattoso Câmara vai aplicá-lo à descrição do português, o que vem a constituir o segundo momento de seu pioneirismo nos estudos sobre a linguagem em nosso país. Seus ensaios, especialmente sobre a fonologia e a morfologia (anos 50 e 60), tornam-se um patamar que não se pode e não se poderá de certo ignorar no desenvolvimento dos estudos sobre a nossa língua.

O interesse pela Lingüística Teórica teve como consequência um estudo mais sistemático e mais fundamentado da língua oral. A obra de Mattoso Câmara reflete seu nítido e constante interesse pela língua falada no Brasil, em oposição, pois, aos estudos filológicos, predominantemente identificados com a língua literária. Ele próprio não deixa de reconhecer, contudo, o grande mérito de Antenor Nascentes, o de introduzir o estudo fonético no ensino escolar, através de uma exposição leve e sucinta, mas rigorosa, nas páginas do seu **O Idioma Nacional** (1928), o que proporcionou ao grande público certa consciência da língua oral.

Para se lhe compreender o alcance, é preciso que nos lembremos do que era o tratamento do assunto nas gramáticas escolares dos seus predecessores. *Não havia a percepção de uma língua oral, viva e cotidiana*, nas pseudo-explicações fonéticas que em regra abriam aquelas gramáticas. Os autores focalizavam a língua escrita, como realidade primária, e faziam uma descrição e classificação das vogais e consoantes vinculadas às letras do alfabeto (CÂMARA JR., 1966, p. 227, grifo nosso).

Nascentes, reconhece ainda Mattoso Câmara, foi o inspirador e o orientador de um movimento de padronização da pronúncia brasileira,

inaugurado com as “Conclusões” do Primeiro Congresso de Língua Cantada, em São Paulo (CÂMARA JR., 1969, p. 240). De modo que, entre os nossos filólogos, Antenor Nascentes tornou-se, certamente, o grande nome dos estudos filológicos no Brasil.

Examinemos, agora, então, a atenção dedicada por Mattoso Câmara ao estudo da modalidade oral e a orientação que deu a este estudo. Seleccionamos algumas de suas obras que traduzem tal atenção e comentamos a orientação adotada em cada caso.

Mattoso Câmara e o Interesse pela Língua Oral

Na primeira edição de **Princípios**, o lingüista brasileiro dedica dois capítulos ao estudo da fonação, já firmando o conceito de fonema, o novo *approach* então recente no estudo dos sons vocais. Mencionando Trubetzkoy e Sapir, distingue claramente Fonética de Fonologia. Mas é, ao tratar das modalidades da frase (capítulo XII), que Mattoso Câmara tece considerações sobre as condições de funcionamento das duas modalidades da língua. Em suma, era o lingüista teórico estabelecendo fundamentos orientadores para o estudo da realidade oral das línguas, dos seus fonemas e das suas frases, no intercâmbio da língua falada.

Pouco tempo depois da publicação de **Princípios**, graças a uma bolsa da Fundação Rockefeller, Mattoso Câmara faz uma viagem de estudos aos Estados Unidos, lá permanecendo por alguns meses, entre 1943 e 1944. Em carta, de 14 de janeiro de 1944, dirigida ao Cônego Tomás Fontes, diretor da importante **Revista de Cultura**, onde o mestre brasileiro tinha publicado, em doze números consecutivos, em 1939-1940, as suas **Lições de Lingüística Geral**, embrião dos **Princípios de Lingüística Geral**, mostra-se o seu autor particularmente interessado pela interpretação dos sons da fala como fonemas, ou seja, como padrões fônicos da língua. Revela, por exemplo, o impacto que sentiu com a aplicação dos postulados fonológicos ou fonêmicos aos estudos de campo, como no caso de línguas africanas e como no caso do ramarama, uma língua ágrafa da região amazônica, que mereceu um estudo de Jakobson, com base no material fonético colhido por Levi-Strauss. Menciona também o curso de fonética experimental que faria em Chicago, no mês de fevereiro de 1944,

diariamente, das 14 às 18 horas. A carta em questão evidencia o quanto a permanência de Mattoso Câmara, nos Estados Unidos, lhe foi de grande proveito no tocante ao desenvolvimento de sua formação lingüística, mas especialmente de oportuna valia nos campos fonético e fonêmico ou fonológico, de modo a habilitá-lo, de regresso ao Brasil, em abril de 1944, a estruturar a sua tese de doutorado em Letras, defendida em 1949, na Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil, **Para o Estudo da Fonêmica Portuguesa**, trabalho pioneiro, em nosso país, em Portugal e até na Península Ibérica, um novo enfoque, como já se disse, na descrição dos sons da fala em nossa língua, com base no referencial teórico do estruturalismo.

Em 1952, Mattoso Câmara elabora um **Manual de Expressão Oral e Escrita**, trabalho impresso em multilite, sob a responsabilidade do Ministério da Aeronáutica, resultado de um curso por ele ministrado, alguns anos, aos seus oficiais-alunos da Escola de Comando e Estado Maior. A obra se torna divulgada através da edição de 1961. Ela tem um caráter evidentemente prático, *na esperança de ser com isso útil aos que necessitam de escrever ou falar em público por injunções da sua vida profissional*. Além de, no capítulo I, focalizar a distinção entre língua oral e escrita, o lingüista dedica quatro capítulos à exposição oral, detendo-se em analisar a elocução em suas funções expressiva, articulatória e rítmica, para, no último, focalizar a exposição oral, em suas partes essenciais e em seus prolegômenos. Presente sempre, em cada capítulo, uma apresentação teórica do tema, procura o autor, a seguir, ilustrar com exemplos a fundamentação exposta, valendo-se de sua nítida percepção de uma língua oral viva em situações concretas. Recorre, então, a problemas que podem acontecer na exposição oral, como, entre tantos casos, o uso contraproducente da ênfase (“acentuar assim palavras cuja importância não seja realmente enorme”), ou como os defeitos referentes à acentuação (“dar descabida intensidade na frase às partículas naturalmente átonas, enunciando-se, por exemplo, como tônica uma preposição junto ao correspondente substantivo”), embora, ressalte, “muitas conjunções e certas preposições átonas adquirem uma força de articulação esporádica, pela exigência do próprio texto, e estabelece-se uma ligeira interrupção da voz depois delas”. Descreve, em relação a esta última ocorrência, a articulação da preposição *para*, da partícula *que* e das conjunções *ee* *mas*. O conhecimento teórico de Mattoso Câmara, articulado com a sua atenta observação dos

problemas e dificuldades da exposição oral, são responsáveis, nesta parte da obra, pela utilidade reconhecida deste manual (consulto uma tiragem de 1993), que objetiva um uso mais consciente e eficaz de quem fala.

Em 1957, Mattoso Câmara elabora, dentro do Programa de Trabalhos da Divisão de Antropologia e Etnografia do Museu Nacional, um pequeno **Manual de Transcrição Fonética**, talvez não muito divulgado, decisivo para uma melhoria real da documentação de interesse lingüístico. Com cabal domínio dos fundamentos da Ciência Lingüística do seu tempo (anos 50), ele distingue entre transcrições fonéticas estrita e ampla, identificando a última com uma transcrição fonêmica. Propõe um sistema de transcrição fonética bem distinto do alfabeto fonético internacional, aproveitando ao máximo o alfabeto ocidental e multiplicando os meios de representação pelo uso de sinais diacríticos, compatíveis com os recursos tipográficos comuns. Há, no capítulo final do **Manual**, aplicações do sistema adotado a algumas línguas. Nos tempos atuais, as transcrições de dados da realidade oral são corriqueiras nos trabalhos de Lingüística, graças ao interesse predominante de documentar e analisar a língua oral, em diferentes variedades. O **Manual de Transcrição Fonética** cresce em importância na bibliografia lingüística brasileira, quando situado no contexto dos estudos sobre a linguagem no Brasil, nos meados dos anos 50.

Ainda no ano de 1957, Mattoso Câmara publica os resultados de uma pesquisa por ele realizada com 62 crianças, entre 11 e 13 anos, num colégio particular situado na zona sul da cidade do Rio de Janeiro, que teve como objetivo destacar os erros mais freqüentes e constantemente repetidos, como índice de tendências lingüísticas da língua coloquial culta, que nessas crianças esta sedimentada como linguagem “transmitida” (Bally) no meio familiar (CÂMARA JR., 1957, p. 88). O estudo revela, assim, por parte do autor, uma vez mais, a observação atenta da realidade oral culta viva da época (são treze traços fonéticos, três morfológicos e quatro sintáticos) e o posicionamento do lingüista ante “os erros escolares”. Importa ressaltar ainda, nesta pesquisa, que a perspectiva sociolingüista está presente nas considerações de Mattoso Câmara:

Uma análise semelhante, feita para uma escola gratuita do Governo Municipal e para um colégio da zona norte, deve apresentar quadros

um tanto diversos, correspondentes a uma estratificação lingüística muito nítida que a cidade apresenta (CAMARA JR., 1957, p. 88).

Nos seus estudos descritivos sobre o português (1969, 1970), Mattoso Câmara se detém, na parte introdutória, sobre a distinção entre a fala e a escrita. Embora reconheça que é a técnica da língua escrita que o estudante tem de aprender na escola, pondera que “Os professores partem da ilusão de que, ensinando-a, estão ao mesmo tempo ensinando uma fala satisfatória” (CÂMARA JR., 1970, p. 9). Na verdade, assinala ele, a língua oral e a língua escrita se manifestam em condições muito diversas, e a língua escrita é uma transposição para outra substância, de uma língua criada com a substância dos sons vocais. “Só se pode compreendê-la e ensiná-la na base dessa transposição” (CÂMARA JR., 1970, p. 10) Por isso, conclui, no preâmbulo de suas duas obras descritivas do português, acima indicadas pelos seus anos de publicação, que “Isso nos impõe a tarefa de fazer a descrição (mesmo tendo em vista um fim escolar) em função da língua oral” (CÂMARA JR., 1970, p. 11).

Nos capítulos dedicados à morfologia, Mattoso Câmara mostra-se coerente com tal posição, no que se apresenta como pioneiro entre nós na descrição da língua. Assim, ao tratar do mecanismo da flexão nominal, evidencia que a única complexidade em tal mecanismo está nas mudanças morfofonêmicas que certas estruturas vocabulares exigem. Deste modo, descreve, por exemplo, na flexão de número, a formação do plural dos nomes terminados em *-r* (ou *-s*, oxítonos), em *-l* ou no ditongo nasal *-ão*, recorrendo sempre a alomorfias fonologicamente condicionadas, da mesma maneira que a formação do feminino dos nomes em *-ão* e em *-eu*.

Por fim, não se pode deixar de ressaltar que, em sua preocupação constante com o ensino da Língua Portuguesa, Mattoso Câmara se reporta, em vários de seus textos, à diversidade existente entre a fala e a escrita. Comenta:

É a escrita que as gramáticas normativas escolares focalizam explícita ou implicitamente. O estudante já vem para a escola falando satisfatoriamente, embora seja em regra deficiente no registro formal do uso culto; o que ele domina plenamente é a linguagem familiar, na maioria dos casos. [...] Daí a definição da gramática normativa que lembramos aqui de início: a arte de escrever e falar corretamente. [...] Há com isso uma tremenda ilusão. A língua escrita se manifesta em condições muito diversas da língua oral (CÂMARA JR., 1970, p. 10).

Em ensaio, de 1967, **Os Estudos da Língua Portuguesa em Portugal e no Brasil**, Mattoso Câmara aponta como primeiro objetivo do ensino da língua materna:

1) ensino da língua-padrão, *sob os seus aspectos oral e escrito*, de maneira a uniformizar, tanto quanto possível, a comunicação lingüística no território nacional, de acordo com certos padrões, ou valores sociais, em matéria de língua (CÂMARA JR., 1967, p. 155, grifo nosso).

E avalia a ação da escola quanto a este objetivo:

Desprezou-se, por outro lado, a rigor, o aspecto oral da língua-padrão e assim se concentrou o ensino na língua escrita, entendida como sendo a língua literária (CÂMARA JR., 1967, p. 155).

A própria variedade da língua falada é objeto de um comentário seu, quando assinala que a nossa tradição gramatical não reconhece no uso oral

a possibilidade de “registros” diversos, conforme a situação concreta que se depara ao falante (uma conversa no meio familiar, ou um intercâmbio na condição que em inglês se chama “formal”, isto é, caracterizada por certo cerimonial de intercurso, e assim por diante) (CÂMARA JR., 1969, p. 10).

Sobre as relações entre língua falada e língua escrita no ensino do Português, conclui Mattoso Câmara:

Em verdade, as relações entre a fala e a grafia precisam de tratamento muito diverso do que lhes costumam dar as gramáticas escolares. Nestas, a atenção primordial é para a língua escrita [como se disse há pouco], e a língua oral entra de maneira indefinida, sem delimitação explícita, que se impunha, para uma e para outra (CÂMARA JR., 1969, p. 11).

Conclusão

Mattoso Câmara, em seu interesse pela realidade oral da língua, não se valeu de gravações para documentação e análise de dados, como se tornou habitual, depois dele, nos estudos de vários campos da pesquisa lingüística voltados para a língua falada, com o surgimento até de um novo

campo, o da Análise da Conversação, direcionada para o estudo de como as pessoas interagem na conversação. Recorde-se de que o estudo da língua falada, em largo período do século passado, restringiu-se à Dialectologia, no registro mais de itens lexicais. A Dialectologia brasileira experimentou, é verdade, notável progresso técnico, com a publicação pioneira, já nos anos 60, do **Atlas Prévio dos Falares Baianos**, de Néelson Rossi e sua equipe da Universidade da Bahia. Há transcrição fonética das formas (palavras e frases feitas), gravadas em 50 localidades. Mattoso Câmara se valia basicamente de sua observação atenta da fala.

Mas sua contribuição, no processo histórico do estudo da língua oral entre nós, foi relevante: não a via como uma “língua escrita cheia de erros”, mas, sim, como uma modalidade de língua que tem seus próprios mecanismos de funcionamento. Por isso, sua insistência de ela ser investigada, com delimitação explícita em face da língua escrita, tendo-se dedicado à tarefa delicada de fazer a descrição do português em função da modalidade oral, com a compreensão dos diversos dialetos (geográficos e sociais) e registros que ela comporta.

Se Mattoso Câmara atribuiu a Antenor Nascentes o mérito de introduzir o estudo fonético no nosso ensino escolar, a ele se pode atribuir, com justiça, o papel de consolidador, entre nós, da importância que as pesquisas sobre a língua oral apresentam para o conhecimento mais abrangente da língua.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CÂMARA JR., J. M. **Princípios de Lingüística Geral**. Rio de Janeiro: Briguiet, 1941.

CÂMARA JR., J. M. Carta dos Estados Unidos. **Revista de Cultura**, Rio de Janeiro, n. 18, p. 66-67, 1944.

CÂMARA JR., J. M. **Para o Estudo da Fonêmica Portuguesa**. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1953.

CÂMARA JR., J. M. **Manual de Transcrição Fonética**. Rio de Janeiro: Museu Nacional; Universidade do Brasil, 1957.

CÂMARA JR., J. M. Erros escolares como sintomas de tendências lingüísticas no português do Rio de Janeiro. In: UCHÔA, C. E. F. (Org.). **Dispersos de J. Mattoso Câmara Jr.** Nova edição revista e ampliada. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004. p. 87-95. Edição original: 1957.

CÂMARA JR., J. M. **Manual de Expressão Oral e Escrita.** Rio de Janeiro: J. Ozon, 1961.

CÂMARA JR., J. M. Antenor Nascente e a filologia brasileira. In: UCHÔA, C. E. F. (Org.). **Dispersos de J. Mattoso Câmara Jr.** Nova edição revista e ampliada. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004. p. 227-230. Edição original: 1966.

CÂMARA JR., J. M. Os estudos da língua portuguesa em Portugal e no Brasil. In: **Actas, Informaciones y Comunicaciones, El Simposio de Bloomington.** Bogotá: Instituto Caro y Cuervo, 1967.

CÂMARA JR., J. M. A Lingüística Brasileira. In: NARO, A. J. (Org.). **Tendências atuais da Lingüística e da Filologia no Brasil.** Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976. p. 47-66. Edição original: 1967.

CÂMARA JR., J. M. Os estudos de português no Brasil. In: UCHÔA, C. E. F. (Org.). **Dispersos de J. Mattoso Câmara Jr.** Nova edição revista e ampliada. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004. p. 231-258. Edição original: 1969.

CÂMARA JR., J. M. 1969. **Problemas de Lingüística Descritiva.** Petrópolis: Vozes, 1969.

CÂMARA JR., J. M. **Estrutura da Língua Portuguesa.** Petrópolis: Vozes, 1970.

CÂMARA JR., J. M. **História e Estrutura da Língua Portuguesa.** Rio de Janeiro: Padrão, 1975.

Rio de Janeiro, agosto de 2005.

SOBRE O AUTOR

Carlos Eduardo Falcão Uchôa é Professor Emérito pela Universidade Federal Fluminense, onde desenvolveu sua vida acadêmica, vindo a ser Professor Titular de Lingüística em 1987. Membro fundador da ABRALIN e membro efetivo da Academia Brasileira de Filologia. No período de 65 a 67, foi assistente de Mattoso Câmara na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Ex-consultor da CAPES, do CNPq e da FAPERJ. Orientador de inúmeras dissertações e teses no Programa de Pós-Graduação da UFF. Além de autor de numerosos artigos em vários periódicos e de capítulos de livros, escreveu *A Lingüística e o ensino de Português* (1991) e *Dispersos de J. Mattoso Câmara Jr.*, com nova edição revista e ampliada, recentemente publicada (2004). Coordenador da coleção *Lingüística e Filologia* de Ao Livro Técnico, com apresentação crítica de cerca de 20 obras.